

Deborah Silva Santos

**Apontamentos sobre as culturas
negras nos museus no século**

XIX

Este texto reflete alguns apontamentos sobre a relação entre as culturas dos povos de origem africana e os museus no século XIX. Considero que essas são as primeiras reflexões realizadas dentro de um projeto de pesquisa mais abrangente, que tem o objetivo de analisar o processo de musealização do patrimônio africano e afro-brasileiro nos museus do Brasil, após os anos 80 do século passado, partindo das experiências contemporâneas de museus voltados especificamente para preservação das culturas negras.

Os apontamentos aqui apresentados têm o caráter de registro histórico¹, sem a intenção de nos aprofundarmos, mas utilizando-os como referencial para nos situarmos nos momentos fundamentais da construção das relações entre negros e museus no século XIX. Esclarecemos, também, que o foco deste trabalho se restringe a forma como o “outro” africano e seus descendentes são construídos historicamente, assim, não trataremos no texto dos povos de origem asiática, indígena ou americanos, muito menos nos deteremos nas questões referentes à representação, identidade ou valorização cultural².

Desde a Antiguidade clássica, a África era um continente conhecido dos europeus, causando estranhamento pela sua fauna, flora e seu gentio. Segundo Serrano e Waldman (2007),

Para os antigos gregos e romanos, a África compreendia as terras situadas entre os atuais Líbia e Marrocos, habitadas por povos de idioma berbere³. Seria o caso dos garamantes, númidas, líbios e mauritânios, costumeiramente mencionados nas crônicas e documentos do Império Romano. Recorde-se que o termo berbere deu origem à palavra bárbaro, identificando populações que, pelo fato de a sua língua e a sua cultura diferirem da greco-romana, eram consideradas inferiores em face do padrão hegemônico. (SERRRANO; WALDMAN, 2007, p. 26)

O período das grandes navegações, entre o século XV e XVIII, aprimorou o contato entre os continentes e possibilitou a observação e a percepção de que

* *Deborah Silva Santos* - Professora assistente do Curso de Graduação em Museologia da Universidade de Brasília – UnB

¹ Caráter histórico que justifica a introdução das coleções de culturas negras nos museus entre o final do século XVIII e o século XIX.

² Vide Cunha (2006) e Soares (2001).

³ O termo berbere não significa nenhuma etnia segundo MUNAGA (1984, p.16 e História Geral da África, 2009. v 1) e Serrano & Waldman, 2007, p.26).

os homens eram diferentes entre si, nos aspectos físicos e culturais, e reforçou o estado de estranhamento, possibilitando a construção do termo “os outros”, designando tudo o que não pertencia ao legado cultural europeu, como Schwarcz (1993) afirma,

A época das grandes viagens inaugura um momento específico na história ocidental, quando a percepção da diferença entre os homens torna-se tema constante de debate e reflexão: a conquista de terras desconhecidas levava a novas concepções e posturas, já que, se era bom observar, era ainda mais fácil ouvir do que ver. Nas narrativas de viagem, que aliavam fantasia a realidade, esses “novos homens” eram frequentemente descritos como estranhos em seus costumes, diversos em sua natureza. (SCHWARCZ, 1993, p. 44)⁴

No primeiro momento, o estranhamento estimulou o ato de colecionar, dando “status”, poder e destaque social aos homens ou grupo de homens que possuíam “os objetos que dão a ideia da existência de outros”, e que representavam “a maravilha da criação divina e da ação humana (POSSAS). No segundo momento, quando a diversidade humana passou a ser justificada por conta de questões geográficas e religiosas, favoreceu a ideia de superioridade entre os homens, assim, o caminho para uma história humana hierarquizada estava pavimentado, e o escravismo, o racismo, o machismo e demais formas de dominação entre os homens estava justificada (POSSAS, 2005; 151).

A subordinação

manteve imagens subalternizantes dos africanos, quer seja ligada a discursos geográficos, pela questão de estarem situadas abaixo do espaço europeu, quer seja pelo clima considerado extremamente quente, e por último ligado a questão religiosa no qual como descendentes de Cam, os africanos estariam fadados à escravidão. (SERRANO & WALDMAN, 2007, p. 25)

Do século XVI ao XIX, o Continente Africano foi sendo despojado dos objetos, das coisas do reino animal, vegetal e mineral e em maior número de seus homens e mulheres. Os primeiros foram abastecer as coleções dos

⁴ Mello e Souza, 1986; Hollanda, s.d; Todorov, 1983; Gerbi, 1982)

Gabinetes de Curiosidades, que pertenciam a príncipes e nobres europeus, e os gentios foram transferidos, como mão-de-obra escrava, para o Novo Mundo - a América. Estes, movimentando a engrenagem mercantilista, que Novais (1999) denominou de Comércio Triangular⁵, formado pela África fornecedora da mão-de-obra escravizada, a América utilizando-os no desenvolvimento das monoculturas agrícolas e na extração de minerais e a Europa, como última ponta, como o mercado consumidor e distribuidor.

Os Gabinetes de Curiosidade europeus, que, no início, eram um amontoado de “tudo”, ou melhor, a “tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelo menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos” davam *status* e poder aos seus proprietários. No entanto, ao longo do século XVII, essas instituições vão se transformando, pois apenas formar coleções e contemplá-las não é mais suficiente, é necessário comparar, investigar, estudar e classificar as coisas e os objetos na tentativa de decifrar o mistério da criação, decifrar “os outros”, o invisível (POMIAN,1984). Assim, segundo Possas (2005), já não bastava possuir, era necessário conhecer e ordenar para superar a “incapacidade de guardar na memória toda a maravilha da criação”. (POSSAS, 2005, p.151)

93

O ato de colecionar transfigura-se na compreensão de tudo o que há no “mundo”, abrigando exemplares do reino animal, vegetal, mineral (Mirabilia) e os “*objetos produtos da ação humana (Artificialia)*, e as antiguidades e objetos exóticos que remetem a povos desconhecidos, normalmente vendidos aos colecionadores ou presenteados por viajantes e marinheiros (POSSAS, 2005, p. 152)

Busca-se assim de forma mais efetiva, evitar o esquecimento, ao mesmo tempo, preservar a memória das coisas e lugares e compreender a criação, entre obra divina e humana. Possas, reafirma que

Este incipiente processo de ordenação e classificação marca o início da transição das coleções dos gabinetes de curiosidades para a formação das coleções mais específicas, destinadas ao estudo e investigação de espécimes e culturas diferentes que

⁵ O Comércio Triangular do Atlântico designa um conjunto de relações comerciais dirigidas pelas metrópoles europeias aos seus domínios ultramarinos. De caráter transcontinental, compunha-se dos vértices geopolíticos e econômicos: Europa, África e América (Norte, Centro e Sul), com relações secundárias com a Ásia e os seus produtos. (NOVAIS, 1999)

assombravam os europeus desde o início das Grandes Navegações e da chegada ao Novo Mundo... (POSSAS, 2005, p.157)

E Lopes (1997) completa:

Constituindo um legado incrivelmente centralizado do entusiasmo pela classificação e pelo conhecimento enciclopédico do século XVII, os museus foram espaços para a articulação do olhar dos naturalistas, transformando-se de gabinetes de curiosidades em instituições de produção e disseminação de conhecimentos, nos moldes que lhes exigiam as concepções científicas vigentes, alterando-se com elas em seus objetivos, programas de investigação, métodos de coleta, armazenamento e exposição de coleções. (LOPES, 1997, p. 14)

Imbuídas destes novos questionamentos as atividades inerentes ao ato de colecionar se especializaram em novas técnicas de classificação e identificação; de taxidermia dos animais; de herborização de plantas; de criação de cativeiros para os animais vivos; de etiquetagem de espécies animais, vegetais e minerais; o retratar animais, árvores e plantas, o alfinetar insetos e borboletas. Essas atividades foram fundamentais para a transferência das coleções das colônias em África e no Novo Mundo para os gabinetes de curiosidades e as câmaras de maravilhas e que até hoje estão expostas ou armazenadas em vários museus europeus.

Muitas vezes esses gabinetes eram espaços de estudo, contendo também estantes com livros e manuscritos. Um gabinete de curiosidades era a expressão da cultura do colecionador, do poder e da glória do conhecimento. Os colecionadores se tornavam os guardiões da memória, aqueles que estavam em condições especiais e favoráveis para que o entendimento do processo da criação fosse entendido, e conseqüentemente, dominado. (POSSAS, 2005, p. 156)

No final do século XVIII, no bojo das revoluções burguesas⁶, os museus são criados enquanto instituições dos Estados nacionais europeus e responsáveis por abrigar as coleções da monarquia e franquear o acesso ao público. Destarte, as coleções se transformaram em patrimônio público e

⁶ Especialmente as ocorridas na França em 1789 (Revolução Francesa) e na Inglaterra em 1840 (Revolução Industrial).

ampliou-se o acesso ao conhecimento a um grupo maior de pessoas para além do grupo de letrados e estudiosos.

A classificação das coleções possibilitou a produção e disseminação de conhecimentos em áreas específicas, assim, os museus são definidos em tipologia, sendo de artes e de historia natural que congrega a zoologia, a botânica e as demais ciências em construção. A partir dos objetos e coisas das coleções busca-se compreender a criação divina de deus, mas os estudiosos e cientistas constatam que podem intervir no processo da criação como seres ativos. Assim, os museus passam a congregar a dubiedade científica, a fé ou a razão e transformam-se em instituições de pesquisas, vinculados a universidades, subsidiados por governos e detentores de poder e riqueza. (POSSAS, 2005)

As coleções incorporaram de vez um caráter científico, ou seja, destinadas à elaboração do conhecimento baseado em observações, pesquisas e construções teóricas. O desenvolvimento da ciência nos séculos XVIII e XIX encontrou-se, portanto, vinculado ao surgimento e consolidação de inúmeros museus de história natural, com suas coleções especializadas em constante expansão. (POSSAS, 2005, p. 159)

95

No que Bittencourt completa que

Essas instituições constituíram uma das bases sobre as quais as modernas ciências e a moderna forma de fazer e sentir a historia se desenvolveu. Também foi uma reorganização política: com o advento das revoluções burguesas, as grandes coleções instaladas em palácios reais foram abertas ao grande público, como forma de extensão da cidadania. Visitar museus tornou-se um dos muitos aspectos do direito à educação e à cultura que os Estados liberais procuraram estender as suas populações. (BITTENCOURT, 2001, p. 19)

O século XVIII criou o museu como instituição, mas foi o século XIX que o moldou como hoje conhecemos e o proliferou para todas as partes do mundo, como instituição de caráter enciclopédico⁷, instalada em grandes edifícios, com procedimentos científicos em relação à pesquisa, à salvaguarda, à exposição, a preocupação com a educação e a relação com o público, a especialização dos

⁷ Os museus de caráter enciclopédico predominaram no mundo até os anos de 1930, e a tinham a pretensão de preservar tudo o que era produzido pela natureza e pelos os homens.

seus trabalhadores e a segmentação por áreas de conhecimento: artes, história natural e tecnologia.

Os museus de artes mantiveram a procura pelo “belo” estético e por obras clássicas e introduziram o espaço para o ensino através das escolas de belas artes, dando incentivo ao estudo e a produção, através das cópias dos artistas. O desenvolvimento industrial e tecnológico do período criou a tipologia dos museus de artes tecnológicas, que tiveram nas Exposições Universais, a partir da segunda metade do século XIX, o seu maior incentivo, ao trazer para a expografia questões referentes às exposições temporárias.

Durante o século XIX os museus de história natural investiram na formação dos acervos, para isso organizaram expedições científicas de coleta de acervo que percorreram os territórios colonizados, com o objetivo de estudar seus recursos naturais e seus habitantes, formando coleções referentes à botânica, à zoologia, à mineralogia, à etnografia e à arqueologia que foram enviados para os principais museus europeus. Marcelo Cunha (2006) relata que esse processo de coleta realizado pelas instituições coincidiu com

A emergência da Etnografia como disciplina autônoma provocou a sistematização dos museus etnográficos, cuja tônica foi determinada por estudos e debates sobre a origem e evolução das espécies travadas no século XVIII e durante o XIX. As coleções existentes e que foram recolhidas, serviram a ilustração de tais teorias com a exposição do acervo em abordagem linear evolucionista. (CUNHA, 2006, p. 26)

Os museus etnográficos, portanto, não ficaram alheios as novas teorias e debates sobre a evolução das espécies e a evolução dos homens, questões que desde o século XVI causavam estranhamento aos europeus e reafirmavam a diferença entre os homens do Continente Europeu e os “outros”, selvagens e primitivos que viviam além mar (SCHWARCZ, 1993).

Com efeito, os teóricos raciais do século XIX referiam-se constantemente aos pensadores do século XVIII, mas não de maneira uniforme enquanto a literatura humanista e em especial Rousseau apareciam como seus principais antagonistas – em sua defesa da noção de uma humanidade uma -, autores como Buffon e De Pauw eram apontados como grandes influências quando se

tratava de justificar diferenças essenciais entre os homens. (SCHWARCZ,1993, p. 43)

Se durante o século XVIII, os pensadores refletiam a partir da tradição humanista com legados políticos da Revolução Francesa e dos ensinamentos da Ilustração, que estabeleceram um pensar sobre a humanidade enquanto totalidade, pressupondo uma unidade do gênero humano e as diferenças ligada a natureza. O século XIX vê florescer as correntes de pensamento que vão incluir o termo raça, “inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos” (SCHWARCZ, 1993, p. 43).

Opondo-se, portanto, à visão humanista, os teóricos das raças partiam de três proposições básicas: a primeira tese afirmava a realidade das raças estabelecendo que existiria entre esses agrupamentos humanos a mesma distância encontrada entre o asno e o cavalo; a segunda instituía uma continuidade entre caracteres físicos e morais, determinando que a divisão do mundo entre raças corresponderia a uma divisão entre culturas; um terceiro aspecto apontava para a predominância do grupo “racio-cultural” ou étnico no comportamento do sujeito, conformando-se enquanto uma doutrina da psicologia coletiva, hostil a ideia do arbítrio do indivíduo (SCHWARCZ,1993, p. 118).

Portanto, a partir da segunda metade do século XIX, o destino da humanidade era explicado a partir das teorias raciais, as quais afirmavam existir diferenças biológicas entre os homens devido a pertença racial. Assim, as escolas baseadas nas teorias do evolucionismo social, do darwinismo social, na craniologia e na frenologia Schwarcz (1993, p. 48) buscavam explicar as razões que levaram a “civilização” europeia ao estágio de progresso, à industrialização, ao desenvolvimento tecnológico e à urbanização em relação a existência primitiva e selvagem dos outros continentes. Teorias que reforçaram a “ideia de único modelo civilizatório de sucesso era o experimentado pelo Ocidente”, pela raça branca, habilitando-os a partilhar os poucos lugares do mundo ainda não conquistados, habitado por um grupo racial diferente (SCHWARCZ,1993, p. 116).

Assim, o Ocidente passa a ser parâmetro na análise evolucionista do mundo. Um conceito que agrega a filosofia, a religião e a política e que

possibilitou determinar ideais de eliminação das raças inferiores, a eugenia e determinar a impossibilidade de desenvolvimento “civilizatório” ou de cidadania a localidades racialmente diferente ou com alto índice de miscigenação.

Os museus etnográficos, criados a partir do século XIX, estavam intimamente ligados a esses parâmetros e modelos biológicos de classificação e é neste contexto, que os objetos e coisas do continente africano vão ser introduzidos em grande escala neles.

O século XIX e o início do século XX foram essenciais para a introdução das culturas materiais e sensíveis africanas no imaginário europeu através da formação de coleções ou introdução de estéticas africanas na produção das artes ocidentais. Os contatos realizados por ocasião da utilização da mão de obra através do trabalho escravo nas Américas, a penetração de potências europeias no continente africano e o conseqüente domínio, através da partilha colonial deste continente, em meados do século XIX, trouxeram à cena europeia as culturas da “África Negra”. Neste contexto, tiveram origem exposições, que em muito, foram semelhantes àquelas dos jardins zoológicos, em um processo naturalizado na abordagem cultural. (CUNHA, 2006, p. 38).

Assim, como exótica e bizarra, na lógica evolucionista representando uma cultura ou uma “raça” inferior, que a cultura material dos povos africanos entra e passa a ser exibida nos museus europeus. A partir do processo de partilha do Continente Africano, ocorrido em 1870, tornou-se “moda” a exibição, também, das populações africanas, homens, mulheres e crianças representados em seus ambientes naturais, exibidos para os visitantes, eram os zoológicos humanos. Inclusive esta foi a solução financeira para alguns jardins zoológicos, que ao introduzirem as exposições humanas dobraram o seu faturamento do empreendimento (CUNHA, 2006).

Abrimos um parêntese para explicar que os “zoos humanos” foram reproduzidos, também, fora dos museus, nas Exposições Universais, especialmente as de 1878 e 1889 em Paris, que criaram uma “vila negra” e expuseram 400 figurantes (Blancel & Blanchard *apud* Cunha, 2006, p. 39) e nos famosos shows bizarros (*freak shows*), onde anões, gigantes, corcundas, obesos e homens e mulheres africanos e asiáticos se apresentavam.

Assim posto, o século XIX termina com o discurso de dominação e domesticação dos povos africanos não mais pelo brutal trabalho escravizado, que tem neste século o seu fim, mas pela também brutal reafirmação da selvageria desses homens e mulheres de pele preta.

Esta construção, que teve nas teorias raciais, nos preceitos do cristianismo e no relato dos viajantes a elaboração de preconceitos e imaginários negativos, associou os africanos a seres “regidos pelo gosto do sangue, do fetichismo, obscurantismo e animalidade atávica relegados a categoria de sub-humanidade”, a primitivos que não poderiam ser relegados a sua própria sorte, precisam ser tutelados e “civilizados” e suas coisas, ao serem apresentadas nos museus, serviam para a confirmação e reafirmação do único modelo civilizatório da humanidade. (CUNHA, 2006, p. 40)

Museus em um país miscigenado: Brasil

99

O primeiro museu brasileiro foi criado em 1818, como parte das medidas culturais adotadas por D.João VI após sua chegada ao Brasil. O seu acervo inicial contou com uma pequena coleção de história natural doada pelo monarca português e resquícios da Casa dos Pássaros, antigo entreposto colonial, datado do século XVIII, que tinha a função de encaminhar animais, vegetais e minerais para os museus da metrópole. A função deste museu era estimular os estudos de botânica e zoologia na ex-colônia.

Os outros dois museus são criados na segunda metade do século XIX, o Museu Paraense Emílio Goeldi, na cidade de Belém do Pará, região amazônica que foi palco de uma série de expedições científicas estrangeiras, mas não possuía uma instituição científica no local, assim no ano de 1866, este problema foi superado com a abertura deste museu que teve o como “função atender os naturalistas estrangeiros, tendo como objetivo analisar a flora a fauna, a constituição genealógica, geográfica e histórica da região” (SCHWARCZ,1993, p.131).

E o Museu Paulista, ou Ipiranga, aberto no bairro do Ypiranga, na cidade de São Paulo, em 1894, criado com o objetivo de comemorar a independência brasileira e, posteriormente, guardar a história do Estado de São Paulo. A primeira coleção do museu continha espécimes de história natural, mobiliários, jornais e objetos da cultura indígena.

Essas três instituições brasileiras foram criadas dentro do espírito dos museus etnográficos e enciclopédicos, preponderantes no século XIX, que tinham a pretensão de reunir exemplares de todo o conhecimento humano e um saber evolutivo e classificatório tanto em relação ao seu acervo como também influenciando os debates nacionais referentes à formação do povo brasileiro.

No país, esses centros cumprirão, porém, papéis específicos. Cópia dos modelos europeus, os museus brasileiros estabelecerão uma prática bastante isolada em relação aos demais estabelecimentos científicos nacionais, dialogando basicamente com o exterior, com os museus europeus e americanos. (SCHWARCZ,124)

O Brasil, segundo os diretores destas instituições, era formado por uma população de degenerados raciais e sociais, por conta da grande miscigenação entre brancos, negros e indígenas. Era um povo assolado pela preguiça, pela falta de sensibilidade, instintos e fraqueza mental, podendo ser equiparados a bestas decaídas. Assim, os museus e seus diretores divulgaram as teorias raciais do período e defenderam as teses de eugenia e do embranquecimento. E foram, também, palco de estudos de interpretação evolucionista social, que aqui foram base da nascente antropologia. O lema era "O Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução" dizia Batista Lacerda, diretor do Museu Nacional (1895-1915). (SCHWARCZ, 2005)

O Diretor do Museu Paulista, Hering Von Ihering, a partir das teorias evolucionistas social e racial, acredita que o homem primitivo não era diferente da flora e da fauna, podendo ser aplicadas as mesmas teorias nos dois campos. Para ele,

Polvo é povo, molusco também é gente!

...de fato, o que vale para os animais e no mundo da natureza vale também para os homens em sua evolução. (IHERING,1902 *apud* SCHWARCZ, 2005)

Essas instituições, cada uma do seu modo, contribuíram, decisivamente, para a divulgação no país das teorias raciais no século XIX, mesmo constatando o quanto esse modo de pensar destruía as propensões futuras do país enquanto nação miscigenada. Ao mesmo tempo, na área legislativa e do direito, os debates se concentravam nas preocupações com as ações abolicionistas, discutia-se: “o que fazer com o negro após a ruptura da polaridade senhor-escravo”. Questão que finalizou em 1888, com a abolição da escravatura e o Brasil se tornando o último país do mundo a libertar os seus escravos africanos (AZEVEDO, 1987, p. 33).

Se por um lado, o Brasil discutia a constituição de seu povo, a partir de opções pela miscigenação e a eugenia, presentes nas ideias imigracionistas, que favoreceram a vinda de milhares imigrantes europeus para o país no final do século XIX. Por outro lado, neste mesmo momento, a “questão racial é ressuscitada no Brasil, já que na Europa nesse momento pouco sucesso fazia” (SCHWARCZ,1987, p. 35).

Assim, ao terminar estes apontamentos, podemos perceber que as culturas negras, durante o século XIX, estiveram plasmadas nas ações de preservação e pesquisa dos museus, como “os outros”, o exótico e o bizarro. Todas as instituições existentes naquele período, ao buscar o caráter enciclopédico, exibiam a cultura material dos povos africanos. Alguns museus como no caso brasileiro foram além e a partir da divulgação das teorias raciais influenciaram os debates nacionais sobre o destino dos africanos escravizados e de seus descendentes.



REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra, Medo Branco**: O negro no imaginário das elites no século XIX. São Paulo: Cia das Letras, 1987
- BITTENCOURT, José Neves. **As coisas dentro da coisa**: observações sobre museus, artefatos e coleções. In: AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de; CATÃO, Leandro Pena; PIRES, AZEVEDO, F.; CATÃO, L.; PIRES, J. (organizadores). **Cidadania, memória e patrimônio**: as dimensões do museu no cenário atual. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.
- CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. **Teatro da Memórias, Palco de Esquecimento**: Culturas africanas e das diásporas negras em exposição. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006
- LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo. Hucitec 1997
- LUGLI, Adalgisa. **Naturalia et Mirabilia**: collectionsencyclopédiques dès cabinets de curiosités. Paris: Adam Biro, 1998
- NOVAIS, Fernando. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)**. São Paulo: Hucitec. 1995. 6ª edição.
- POMIAN, Krzysztof. *Coleção*. In: **Enciclopédia Eunadi**, v.1, p.51-86. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984
- POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e Ordenar: Os gabinetes de curiosidades e a Historia natural. In: FIGUEIREDO, B. G. VIDAL, D. G. (Org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**, p.151-162. Belo Horizonte; Brasília Argumentum CNPq 2005
- SCHWARCZ, Lilia K.M. A “Era dos Museus de Etnografia” no Brasil: O Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G.(Org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**, p.113-136. Belo Horizonte- Brasília, Argumentum CNPq 2005
- SCHWARCZ, Lilia K.M. **O Espetáculo das Raças**: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870 – 1930. São Paulo; Cia da Letras, 1993

SERRRANO, Carlos & WALDMAN, Mauricio. **Memória D'Africa**: A temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez Editora, 2007

SOARES, Bruno Cesar Brulon. **Máscaras Guardadas**: Musealização e Descolonização. Niterói/RJ. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, 2012.